

Documentação

OGlobo

DATA 23/2000 Pg 37

Class. B

Extinção em série na Mata Atlântica nordestina

Pesquisa revela que 145 espécies de árvores vão desaparecer por falta de animais que dispersam sementes

Cilene Guedes

• O desaparecimento de animais que se alimentam de frutos ameaça de extinção 34% (145) das espécies de árvores no que resta da Mata Atlântica brasileira ao norte do Rio São Francisco. Os cálculos, feitos por pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco, são tema de um artigo publicado na edição desta semana da revista científica britânica "Nature", uma das mais respeitadas do mundo.

Segundo o biólogo José Maria Cardoso da Silva, um dos autores da pesquisa, em dez a 20 anos, essas espécies de árvores terão desaparecido em consequência da caça indiscriminada de pássaros e ma-

míferos e da destruição dos lugares onde esses animais vivem. Várias plantas e animais, principalmente insetos, também poderão acabar desaparecendo, por causa da extinção regional dessas árvores.

— Naturalmente há uma sinergia entre plantas e seus dispersores, mas achamos que o desaparecimento dos frugívoros (animais que comem frutos) será o estopim para uma extinção em grande escala das árvores da floresta ao Norte do Rio São Francisco — disse José Maria.

Mais de 300 tipos de árvores dependem de animais

De Alagoas ao Rio Grande do Norte ainda existem 427 espécies endêmicas de árvores

típicas da Floresta Atlântica — apontada recentemente como um dos 25 ecossistemas mais ricos em biodiversidade do planeta. Trezentas e cinco dependem de animais vertebrados (a maioria, pássaros e mamíferos) para ter suas sementes espalhadas.

Um terço dessas, porém, precisa justamente de um tipo de pássaro altamente vulnerável à interferência humana na mata. São os pássaros de bico largo (com mais de 15 milímetros). Eles podem se alimentar de frutos um pouco maiores, vivem nas áreas mais centrais das florestas e são muito sensíveis a perturbações no ambiente. Outros 16% dependem de mamíferos que comem frutas, normalmente primatas.

— As aves que estão desaparecendo são tucanos, mutuns, jacus e cotingídeos (como a araponga). Elas precisam de grandes áreas de floresta para manter populações viáveis. O mesmo vale para grandes mamíferos frugívoros, como macacos. Eles estão desaparecendo principalmente devido à redução do habitat e à caça. Caça-se muito nos fragmentos de florestas nordestinos — alertou José Maria.

As árvores que desaparecerão na falta dessas espécies animais são pouco conhecidas — o que alarma ainda mais os pesquisadores.

— Muitas espécies têm valor madeireiro, outras são utilizadas como plantas ornamentais ou mesmo como pro-

dutoras de frutos para consumo humano. Mas muitas não tiveram seu valor econômico avaliado com precisão. Entre elas, pode haver um número alto de espécies com valor farmacológico. Estaríamos perdendo um imenso capital natural com essas extinções — disse José Maria.

Desaparecimentos criaria um ciclo de extinção

Mas o efeito-dominó não pararia nas árvores. Com tantas espécies a menos, o solo perderia proteção, favorecendo a erosão. Além disso, muitos outros seres vivos — além dos dispersores de sementes — dependem dessas árvores. Entre eles, estão vários grupos de insetos e epífitos (vegetais

que vivem sobre outros, mas não são parasitas).

Como os epífitos também servem de habitat para algumas espécies e os insetos são alimento de outras, é até difícil, segundo os pesquisadores, imaginar onde o ciclo de extinção se encerraria.

Apenas 2% da área originalmente coberta pela Mata Atlântica no Brasil ainda estão preservados. A extinção de espécies dispersoras é apenas um dos fatores que ameaçam o que resta desse ecossistema. Segundo José Maria, com a expansão urbana e agrícola e o desrespeito às leis ambientais, o número de espécies de árvores da Mata Atlântica extintas em 20 anos poderá ser ainda maior. ■